

**MILTON SANTOS: concepções de geografia, espaço e território**  
**MILTON SANTOS: Geography conceptions, space and territory**

**Marcos Aurelio Saquet**

Prof. Dr. na Unioeste - Francisco Beltrão  
Pesquisador do Cnpq  
saquetmarcos@hotmail.com

**Sueli Santos da Silva**

Unioeste – Francisco Beltrão  
Mestranda em Geografia  
su.silva72@uol.com.br

**Resumo:** Objetivamos, neste texto, explicitar alguns aspectos centrais da trajetória intelectual de Milton Santos, evidenciando características da sua concepção de Geografia e dos conceitos de espaço e território. Demonstramos algumas de suas concepções em obras de diferentes períodos de sua produção intelectual, revelando continuidades e mudanças em seu pensamento elaborado, inicialmente, no bojo da chamada renovação da geografia, nos anos 1970, movimento do qual foi um dos precursores e importante pensador até o final do século XX.

**Palavras-chave:** Geografia; concepções; espaço; território.

**Abstract:** We aim, on this text to show some central aspects of Milton Santos trajectory, standing out characteristics of his Geography conception and concepts of space and territory. We demonstrate some of his conceptions in works of different periods of his intellectual production, revealing continuities and changes in his elaborated thought, at the beginning, in the axis of what is called the geography renew, in the 70s, movement in which he was one of the predecessors and important thinker until the end of the century XX.

**Key-words:** Geography, conceptions, space, territory.

### **Apresentação**

Inicialmente cabe destacar que este texto é um dos resultados das pesquisas que estamos realizando no âmbito do Grupo de Estudos Territoriais (Geterr/Unioeste), vinculadas à linha de pesquisa *Teorias, métodos e estudos territoriais* e ao projeto de pesquisa intitulado *Sobre os conceitos de território e territorialidade: abordagens e concepções*, com financiamento do Cnpq e da

Fundação Araucária. A referida pesquisa envolve docentes e discentes da graduação e da pós-graduação, num movimento de reflexão e debates sobre aspectos da história e epistemologia da geografia. A escolha de Milton Santos<sup>1</sup>, apesar de ele não ter dado centralidade ao conceito de território até o final dos anos 1980, deve-se à sua importância na geografia produzida no Brasil desde os anos 1970, com elaborações teórico-metodológicas reproduzidas tanto neste país como noutros. Mesmo tendo larga produção intelectual e sendo reconhecido como um dos principais expoentes da geografia dita brasileira, ainda é pouco estudado e compreendido, fruto, talvez, de uma prática acadêmica que valoriza pesquisadores estrangeiros em detrimento de intelectuais brasileiros.

Nesse sentido, com a pesquisa proposta, objetivamos identificar e explicitar aspectos que julgamos relevantes em suas concepções de geografia, espaço e território elaboradas a partir dos anos 1970. Escolhemos obras que consideramos basilares na geografia brasileira e que expressam, em diferentes momentos-períodos, suas elaborações teórico-metodológicas envolvendo os conceitos de espaço, tempo e território, nosso foco de pesquisa. As obras foram atentamente lidas, relidas e fichadas, gerando algumas sínteses que apresentamos e divulgamos neste texto sem a pretensão, evidentemente, de dar conta amplamente de uma temática tão delicada e “cara” para nós geógrafos. É importante, assim, alertar o leitor para o fato da pesquisa estar em andamento, fato que certamente gerará novos elementos, interpretações e indagações sobre a produção intelectual de Milton Santos.

Produção elaborada com significativa influência de diferentes filósofos, sociólogos, economistas e geógrafos, interdisciplinaridade intrínseca à formação da ciência geográfica, da qual Milton Santos teve participação efetiva e ativa, por cerca de 30 anos, como pioneiro e renovador, centrado em princípios do materialismo histórico e dialético como método de interpretação. Foi um dos métodos predominantes no movimento de renovação da geografia, ocorrido no período compreendido entre os anos 1960-1980, a partir de elaborações sobre a relação tempo-espaço como materialidade central da dialética sócio-espacial. Tempo e espaço foram e são considerados, por muitos

pesquisadores, como categorias analíticas fundamentais da geografia numa perspectiva materialista. Para tanto, como afirmam Dematteis (2005) e Harvey (2005/2001), foi fundamental ler e reler textos de Karl Marx<sup>ii</sup> bem como de Friedrich Engels, Vladimir Lênin, Rosa Luxemburgo, Paul Baran, Paul Sweezy, Maurice Dobb, Peter Kropotkin e Elisée Reclus. Foi uma das maneiras encontradas para explicar determinados processos sociais como a reprodução ampliada do capital e os conflitos políticos emergidos no final dos anos 1960 em vários países. Nas palavras de Dematteis (2005):

Neste ambiente praticamente revolucionário, a teoria de referência era o marxismo, efetivado com várias faces: historicista, estruturalista etc. Autores como H. Lefebvre, D. Harvey e M. Castells (na Itália, F. Indovina, B. Sechi, A. Magnaghi e outros) sugeriam novas interpretações do espaço geográfico como 'território', isto é, como objeto de disputa e dominação (...) das relações sociais de produção. (p.15).

Em diferentes países, constroem-se concepções de geografia denominadas ora radical, ora anarquista, ora democrática, ora crítica etc. São variações assumidas no bojo de um movimento maior e mais amplo de revisão das bases epistemológicas desta ciência; de conceitos, temas e de posições políticas, substantivando um período importante de pesquisas, reflexões, debates e denúncias.

Na França, país onde Milton Santos estudou e manteve laços acadêmicos bem consistentes, ele acompanha e participa de uma transição importante, da chamada geografia ativa para a radical-crítica, que envolve pesquisadores como Pierre Deffontaines, Pierre George e Yves Lacoste. Movimento também qualificado por outros pesquisadores como Henri Lefebvre, David Harvey, Edward Soja, Manuel Castells, Francesco Indovina, Paul Claval e Massimo Quaini, todos com alguma influência no pensamento de Milton Santos.

No Brasil, consoante já afirmamos em Saquet (2007), nos anos 1970-80, há algumas manifestações substanciais do movimento de renovação da geografia que ocorre em distintos países, principalmente na França, na Inglaterra, na Itália e nos EUA. Evidentemente, há produções intelectuais feitas

no Brasil que também influenciam estudos efetivados em outros países, como acontece, por exemplo, com algumas produções de Milton Santos. Nesse período, dá-se a reelaboração da geografia (humana) no Brasil centrada no conceito de espaço geográfico como *grande categoria* de explicação nessa ciência, especialmente, para aqueles que trabalhavam com aspectos da teoria do valor de Marx. Processo no qual Milton Santos teve participação efetiva, juntamente com outros professores como Manuel Correia de Andrade, Ruy Moreira, Ariovaldo Umbelino de Oliveira, Carlos Walter Porto Gonçalves, Antonio Carlos Robert Moraes, Armando Corrêa da Silva, Armen Mamigonian, Roberto Lobato Corrêa, entre outros menos conhecidos e divulgados.

Milton Santos, tanto por suas relações acadêmicas e científicas com pesquisadores brasileiros, franceses e de outros países, como pelas publicações, orientações (mestrado e doutorado), consultorias, conferências, cursos, palestras e atuação política, tornou-se um expoente da geografia brasileira, como professor, pesquisador e pensador de temas e processos do mundo contemporâneo, sobretudo da urbanização-cidade-urbano, do meio técnico-científico informacional e da globalização.

A professora Mônica Arroyo resume muito bem sua atuação por meio de uma "(...) dupla preocupação que perpassa toda a obra e a vida do prof. Milton Santos: produzir, aperfeiçoar, renovar conceitos visando à construção de uma teoria social renovada que permita um entendimento aprofundado do mundo contemporâneo para, dessa forma, contribuir na sua transformação" (1996, p.55).

### **Algumas considerações sobre sua biografia**

O professor Milton Santos (Milton de Almeida Santos) nasceu em Brotas de Macaúbas, no interior da Bahia, no dia 03 de maio de 1926. Em entrevista ao Prof. Dr. Délio Mendes<sup>iii</sup> (1998), é descrito como geógrafo e livre pensador brasileiro; homem amoroso, afável, discreto e combativo; dizia que a maior coragem, nos dias atuais, é pensar, coragem que sempre teve. O Professor Milton Santos formou-se em Direito pela UFBA (Universidade Federal da Bahia) no ano de 1948, foi professor em Ilhéus e Salvador, autor de livros importantes: "O Povoamento da Bahia" (1948), "Futuro da Geografia"

(1953), "Zona do Cacau" (1955) entre muitos outros. Em 1958, já voltava da Universidade de Estrasburgo, na França, com o doutorado em Geografia; trabalhou no jornal "A Tarde" e na CPE (Comissão de Planejamento Econômico-BA), precursora da SUDENE. Foi o único brasileiro a receber um "prêmio Nobel", o Vautrin Lud, uma espécie de Nobel da Geografia.

(...) A reincorporação do prof. Milton Santos aos âmbitos acadêmicos dos quais tinha estado ausente quase treze anos, por causa da ditadura militar, cumpre papel importante neste processo de renovação. Milton Santos divulga e ressignifica no Brasil – mediante sua atividade docente, pesquisa e suas publicações – a experiência acumulada pela sua passagem por instituições acadêmicas e de planejamento na França, nos Estados Unidos, na Venezuela e na Tanzânia; por seus estudos no campo da física, da economia e do marxismo (...). (GEOSUL *apud* ZUSMAN, 1996, p.29-30).

Doutor *honoris causa* em vários países, no período entre 1964 e 1977, foi professor na França, Estados Unidos, Canadá, Peru, Venezuela e Tanzânia (em função do exílio político determinado pela ditadura de 1964), sempre escrevendo e lutando por suas idéias; foi autor de cerca de 40 obras e membro da Comissão Justiça e Paz de São Paulo. Entre outras, destacamos: *A cidade nos países subdesenvolvidos*. RJ: Civilização Brasileira, 1965; *Geografía y economía urbanas en los países subdesarrollados*. Barcelona: Oikos-Tau, 1973; *Por uma Geografia nova*. SP: Hucitec-Edusp, 1978; *O trabalho do geógrafo no Terceiro Mundo*. SP: Hucitec, 1978; *Pobreza urbana*. São Paulo/Recife: Hucitec/UFPE/CNPV, 1978; *Economia espacial: críticas e alternativas*. SP: Hucitec, 1979; *Espaço e sociedade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1979; *O espaço dividido: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos*. RJ: Francisco Alves, 1979; *A urbanização desigual*. Petrópolis/RJ: Vozes, 1980; *Manual de Geografia urbana*. SP: Hucitec, 1981; *Pensando o espaço do homem*. SP: Hucitec, 1982; *Ensaio sobre a urbanização latino-americana*. SP: Hucitec, 1982; *Espaço e Método*. SP: Nobel, 1985; *O espaço do cidadão*. SP: Nobel, 1987; *Metamorfoses do espaço habitado*. SP: Hucitec, 1988; *A urbanização brasileira*. SP: Hucitec, 1993; *Por*

*uma economia política da cidade*. SP: Hucitec, 1994; *Técnica, espaço, tempo*. SP: Hucitec, 1994; *A natureza do espaço*. SP: Hucitec, 1996.

Milton Santos morreu em São Paulo-SP, no dia 24 de junho de 2001, aos 75 anos, vítima de câncer. Durante sua produção intelectual, mostrou-se flexível, no sentido de que foi capaz de mudar seu posicionamento em relação aos estudos em geografia. Encontrando nesta área da ciência um amparo espiritual, deu a ela uma contribuição teórico-metodológica. Foi um autor central, conforme já afirmamos, na renovação e no fortalecimento da geografia no Brasil.

Entre os principais temas estudados até 2001, produziu críticas à globalização considerando que a mesma tem sido levada a efeito do ponto de vista do capital financeiro. Propunha uma outra globalização. Intelectual, estudioso do espaço e do tempo, compreendeu, em seu tempo, o espaço como produção do homem na relação com a totalidade da natureza e por meio da técnica<sup>iv</sup>; técnica esta que corresponde a um tempo determinado pela produção dos homens. Milton Santos fez-se presente em vários dos grandes embates intelectuais da última metade do século passado e tem sido muito citado em inúmeros trabalhos acadêmicos relacionados com a urbanização brasileira, espaço e globalização, meio técnico-científico informacional, redes etc.

Ao longo de sua carreira, Milton Santos teve diferentes influências na formulação de suas bases teóricas, tais como Jean Tricart, seu orientador no Doutorado realizado no Instituto de Geografia da Universidade de Estrasburgo, Pierre Mombeig, Pierre Deffontaines, Henri Lefebvre, Yves Lacoste, David Harvey, Jean Paul Sartre, Edward Soja, Neil Smith, entre tantos outros, fato que, aos poucos, possibilitou o desenvolvimento de uma concepção de geografia que consideramos híbrida.

### **Geografia, espaço e território**

Iniciamos com uma obra basilar de Milton Santos, *Por uma geografia nova* (1978). Para o autor, sabendo que a cada dia o conhecimento amplia-se e diversifica-se, é preciso construir um sistema que permita identificar a

totalidade dos processos, tal como eles se produzem na realidade, de forma a introduzir coerência e lógica na sua unidade.

Encontrar uma definição única para espaço, ou mesmo para território, relata Milton Santos, é tarefa árdua, pois cada categoria possui diversas acepções, recebe diferentes elementos de forma que toda e qualquer definição não é uma definição imutável, fixa, eterna; ela é flexível e permite mudanças. Isso significa que os conceitos têm diferentes significados, historicamente definidos, como ocorreu com o espaço e com o território.

Em *Por uma geografia nova* (1978), o conceito de espaço é central e compreendido como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações que estão acontecendo e manifestam-se através de processos e funções. “O espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”. (Santos, p.122).

(...) O espaço por suas características e por seu funcionamento, pelo que ele oferece a alguns e recusa a outros, pela seleção de localização feita entre as atividades e entre os homens, é o resultado de uma práxis coletiva que reproduz as relações sociais, (...) o espaço evolui pelo movimento da sociedade total. (SANTOS, 1978, p. 171).

Na segunda parte dessa obra, o conceito de espaço aparece de modo mais evidente, apresentado como fator social e não somente como um reflexo social. Milton Santos denomina-o como uma instância da sociedade. Segundo o autor,

(...) o espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. É como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia. (SANTOS, 1978, p. 145).

Para Milton Santos, o espaço precisa ser considerado como totalidade: conjunto de relações realizadas através de funções e formas apresentadas historicamente por processos tanto do passado como do presente. O espaço é

resultado e condição dos processos sociais, elaboração amplamente difusa na geografia dos anos 1970-80 em países como a França, EUA e Brasil, pois era compreendido como uma categoria fundamental quando predominava a utilização de princípios do materialismo histórico e dialético.

Desse modo, o espaço, além de instância social que tende a reproduzir-se, tem uma estrutura que corresponde à organização feita pelo homem. É também uma instância subordinada à lei da totalidade, que dispõe de certa autonomia, manifestando-se por meio de leis próprias. Assim, o espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como *lugar* de sua própria reprodução.

Nessa obra, é possível perceber a diferenciação entre território e espaço. Para Santos (1978), “a utilização do território pelo povo cria o espaço”; imutável em seus limites e apresentando mudanças ao longo da história, o território antecede o espaço. Já o espaço geográfico é mais amplo e complexo, entendido como um sistema indissociável de sistemas de objetos e ações, em que a instância social é uma expressão concreta e histórica. O território é um conceito subjacente em sua elaboração teórico-metodológica e representa um dado fixo, delimitado, uma área.

É importante notar que, se entendermos o território apenas como uma área delimitada e constituída pelas relações de poder do Estado, consoante se entende na geografia, estaríamos desconsiderando diferentes formas de focar o seu uso, as quais não engessam a sua compreensão, mas a torna mais complexa por envolver uma análise que leva em consideração muitos atores e muitas relações sociais.

Assim, o território pode ser considerado como delimitado, construído e desconstruído por relações de poder que envolvem uma gama muito grande de atores que territorializam suas ações com o passar do tempo. No entanto, a delimitação pode não ocorrer de maneira precisa, pode ser irregular e mudar

historicamente, bem como acontecer uma diversificação das relações sociais num jogo de poder cada vez mais complexo.

Milton Santos elege as categorias forma, função, estrutura, processo e totalidade como as principais que devem ser consideradas na análise geográfica do espaço; este constitui a categoria principal e auxilia na compreensão do território. O espaço, dessa maneira, é construído processualmente e contém uma estrutura organizada por formas e funções que podem mudar historicamente em consonância com cada sociedade.

De acordo com Santos (1978), a forma é o aspecto visível, exterior de um conjunto de objetos: as formas espaciais; função é a atividade desempenhada pelo objeto criado; a estrutura-social-natural é definida historicamente: nela, formas e funções são criadas e instituídas. As formas e as funções variam no tempo e assumem as características de cada grupo social. É uma concepção histórica e relacional de geografia e do espaço.

O processo significa a ação que é realizada de modo contínuo, visando a um resultado que implica tempo e mudança. Os processos ocorrem no âmbito de uma estrutura social e econômica, resultando de suas contradições internas. Assim, ao considerarmos esses processos em conjunto, podemos analisar os fenômenos espaciais na sua totalidade.

Totalidade e tempo são categorias fundamentais para o estudo do espaço. A totalidade possui caráter global e tecnológico; apresenta-se pelo modo de produção, pelo intermédio da *FES* (Formação Econômica e Social) e da história; é inseparável da noção de estrutura. Portanto, a totalidade espacial é estrutural.

O espaço deve ser considerado como uma totalidade, a exemplo da própria sociedade que lhe dá vida (...) o espaço deve ser considerado como um conjunto de funções e formas que se apresentam por processos do passado e do presente (...) o espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que se manifestam através de processos e funções (SANTOS, 1978, p. 122).

Em síntese, o conceito de espaço é central em sua abordagem eminentemente econômica e política elaborada conjugando aspectos das teorizações de pensadores como K. Marx, J. P. Sartre, D. Harvey e P. Claval. O espaço é organizado socialmente, com formas e funções definidas historicamente, pois se trata da morada do homem e do lugar de vida que precisa ser constantemente reorganizado. O espaço e o homem são sínteses dialéticas compreendidas numa combinação teórico-metodológica (bem elaborada pelo autor) entre elementos das argumentações de K. Marx e J. P. Sartre (existencialismo humanista): assim, Milton Santos dá centralidade ao sujeito-homem na construção do mundo e do espaço. Já o território é compreendido como espaço de uma nação, delimitado e regulado. Apresenta elementos fixos, resultantes da ação homem e seu trabalho bem como relações sociais e diferentes formas de ocupação e produção; corresponde ao recorte do espaço pelo processo de formação de um Estado-nação.

Outra obra muito importante da década de 1970 é *Espaço e sociedade* (1979). Nela Milton Santos retoma a discussão sobre o espaço e a FES – Formação Econômica e Social; o espaço apresenta-se como uma organização histórica que abarca a totalidade da vida social. Para Santos (1978), a totalidade corresponde às condições da evolução capitalista, exibida pelas estatísticas da produção e do comércio, mostrada pelas discussões em todos os níveis e pelos mais diversos meios de difusão e aspectos sociais, assim como as desigualdades geradas pelo próprio sistema capitalista.

Para Santos (1979), como o espaço é organizado socialmente, espaço e natureza são sinônimos, desde que se considere a natureza como uma instância transformada, uma segunda natureza, conforme Marx a denominou. O espaço, dessa maneira, corresponde às transformações sociais feitas pelos homens.

O espaço reproduz a totalidade através das transformações determinadas pela sociedade, modos de produção, distribuição da população, entre outras necessidades, desempenham funções evolutivas na formação econômica e social, influencia na sua construção e também é influenciado nas demais estruturas de modo que torna um

componente fundamental da totalidade social e de seus movimentos (SANTOS, 1979, p.10).

O espaço consta como matéria trabalhada, constituindo-se num dos objetos sociais com maior imposição sobre o homem, ele faz parte do cotidiano dos indivíduos, por exemplo, a casa, o lugar de trabalho, os pontos de encontro, os caminhos que unem esses pontos são igualmente elementos passivos que condicionam as atividades dos homens e comandam a prática social. O espaço, mais uma vez, é produto e condição da dinâmica sócio-espacial. De acordo com Santos (1979), há uma organização social, um arranjo do espaço, de acordo com os interesses e necessidades de cada grupo.

O território também se repete como conceito subjacente e aparece como palco onde o capitalismo internacional prolifera enquanto o Estado empobrece, perdendo sua capacidade para criar serviços sociais. Nesse mesmo palco, ocorre uma apropriação da mais-valia, desvalorização dos recursos controlados pelo Estado e supervalorização dos recursos destinados às grandes empresas, principalmente nos países periféricos. O território é o palco da proliferação do capital, espaço apropriado pelos agentes do capital através da divisão social do trabalho.

O espaço pode ser definido pelo conjunto de lugares compreendidos como porções do espaço produtivo e de consumo. Como já vimos na obra anterior, forma, função e estrutura são fundamentais para a compreensão da totalidade e do espaço; são aliadas na formação espacial junto com outros elementos que podemos destacar: divisão social do trabalho, urbanização e sistemas de fluxos, pois todos esses fatores têm influência na forma como o espaço é organizado.

Em *Espaço e Sociedade* (1979), a forma aparece como condição da história. Milton Santos afirma que as formas permanecem como herança das divisões do trabalho efetivadas no passado e as formas novas surgem como exigência funcional da divisão do trabalho atual. As formas, que não têm as mesmas significações ao longo da história do país, da região, do lugar, representam a acumulação de tempo e sua compreensão depende do que foram as divisões do trabalho. Portanto,

Seria impossível pensar em evolução do espaço se o tempo não tivesse existência no tempo histórico, (...) a sociedade evolui no tempo e no espaço. O espaço é o resultado dessa associação que se desfaz e se renova continuamente, entre uma sociedade em movimento permanente e uma paisagem em evolução permanente. (...) Somente a partir da unidade do espaço e do tempo, das formas e do seu conteúdo, é que se podem interpretar as diversas modalidades de organização espacial (SANTOS, 1979, pp. 42-43).

Assim, para Milton Santos, o espaço é o resultado do desenvolvimento das forças produtivas, das relações de produção e das necessidades de circulação e distribuição. As regiões e os lugares não dispõem de autonomia, porém, sendo funcionais na totalidade espacial, influenciam no desenvolvimento do país; já a urbanização é resultado de tais processos historicamente determinados como localização geográfica seletiva das forças produtivas e das instâncias sociais.

Outro elemento fundamental corresponde às variáveis envolvidas no processo como a urbanização e a industrialização, podendo ser precoce, recente e tardia; como precoce, aparece a industrialização diversificada englobando países industrializados da América Latina (Argentina, Brasil e México), onde o processo de industrialização principiou antes da Primeira Guerra Mundial; os tardiamente industrializados, países que só começaram a industrializar-se após a Segunda Guerra Mundial e os demais correspondem aos países de industrialização recente.

Os processos sociais e tecnológicos modelam o espaço de acordo com os sistemas incorporados e estes vão dando lugar a outros sistemas que gerarão uma nova organização do espaço. Este é reconstruído histórica e constantemente. Os sistemas de fluxo também são elementos que desempenham importante papel na organização espacial e isso revela novamente a preocupação do autor com os objetos e com as ações, numa abordagem continuamente histórica, relacional e materialista de geografia elaborada, nessa obra, a partir de reflexões de autores como H. Lefebvre, D.

Harvey, E. Sereni e V. Lênin. As dimensões da economia e da política permanecem centrais.

Conforme Santos (1979), os fluxos podem ser compreendidos através dos circuitos inferior e superior. O fluxo do sistema superior é composto de negócios bancários, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, comércio atacadista e transporte. Já o sistema inferior é constituído por formas de fabricação sem a utilização intensiva de capital; por serviços não modernos, abastecidos pelo nível de venda a varejo e pelo comércio em pequena escala. Ambos os sistemas são levados em conta no estudo da organização espacial em países subdesenvolvidos.

Enfim, tanto as atividades do sistema inferior como as de fluxo superior possuem sua função na organização do espaço, porém, o sistema inferior torna-se, pouco a pouco, capaz de impor sua influência sobre as unidades espaciais mais extensas, junto com os demais elementos que desempenham seu papel na organização do espaço. O Estado aparece como intermediário entre os agentes de inovação e as realidades nacionais, porém, ambos são condicionados pelas circunstâncias históricas gerais de uma nação.

No início dos anos 1980, não houve mudanças significativas em suas concepções de geografia, espaço e território, conforme podemos observar em seu livro *Espaço e método* (1985). Nesta obra, o espaço é produto da organização da sociedade, enquanto estrutura funcional, como também trabalhara em Santos (1982). É entendido como reflexo da sociedade global, fato que o torna fator social e determinante das estruturas sociais.

Os elementos do espaço, por sua vez, são os homens, as firmas, as instituições, o meio ecológico e as infra-estruturas. Os homens são componentes do espaço, seja na qualidade de fornecedores de trabalho, seja na de candidatos a isso. As firmas têm como função a produção de bens, serviços e idéias. As instituições produzem normas, ordens e legitimações. O meio ecológico corresponde ao conjunto de complexos territoriais que constituem a base física do trabalho humano. Finalmente, as infra-estruturas são o trabalho humano materializado e espacializado na forma de casas, plantações, caminhos etc.

Na medida em que função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recupera-se a totalidade social (movimento, conflitos, contradições), isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Cada ação não constitui um dado independente, mas o resultado do próprio processo social. Assim, é fácil perceber a permanência do caráter relacional de sua concepção bem como do caráter histórico.

Segundo Santos (1985), os elementos do espaço estão submetidos a variações quantitativas e qualitativas. Desse modo, os elementos do espaço devem ser considerados como variáveis. A cada momento histórico, cada elemento muda seu papel, sua posição no sistema espacial e o valor de cada um deve ser tomado da sua relação com os demais elementos. Isso significa que as variáveis do espaço mudam no movimento do tempo histórico.

Em *Espaço e método* (1985), o território não é tratado explicitamente. A expressão conceito geralmente traduz uma abstração da observação de fatos particulares que fazem parte da formação do espaço e não do território. O território, como recorte espacial, está contido no espaço e o espaço no território, num movimento dialético.

O território não se apresenta como forma definitiva e organizada do espaço, porém, há sinais que permitem acreditar que o território corresponde ao palco onde se realizam as atividades criadas a partir da herança cultural do povo que o ocupa; é também uma fração do espaço local articulada ao mundial.

Nessa dialética, há elementos temporais e sistemas espaciais. Milton Santos reforça a idéia de que a dimensão histórica é necessária para ir além de um nível de análise superficial, de forma que a situação atual depende, por isso, de influências históricas. O comportamento do novo sistema é condicionado pelo anterior. Alguns elementos cedem lugar, completa ou parcialmente, a outros mais modernos; em muitos casos, elementos de diferentes períodos coexistem, de modo que a ação das diversas variáveis depende das condições do correspondente sistema temporal.

O espaço, considerado como um mosaico de elementos de diferentes eras, sintetiza, de um lado a evolução da sociedade e explica, de outro lado, situações que se apresentam na atualidade. (...) a noção de espaço é assim inseparável da idéia de sistemas de tempo (SANTOS, 1985, pp. 21-22).

Há uma relação de unidade espaço-temporal. A organização do espaço pode ser definida como o resultado do equilíbrio entre os fatores de dispersão e de concentração em um dado momento na história do espaço. Há, no dizer de Milton Santos, uma acumulação desigual de tempos, concepção pensada a partir de autores como D. Harvey e B. Kayser, ou como K. Kosik, O. Dollfus e T. Hagerstrand. Um componente novo, nessa obra, é o reconhecimento e a ênfase dada aos processos naturais ou ecológicos, o que revela mais uma das características da geografia construída no Brasil durante a década de 1980: a incorporação de novos elementos, sobretudo da chamada questão ambiental como identificamos e apresentamos em Saquet (2007).

Em síntese, os espaços atingidos por inovações estão em contato, ou seja, as variáveis do crescimento mudam com as modernizações. Isso mostra que a formação de um espaço supõe uma acumulação de ações localizadas em diferentes momentos. Para Santos (1985), o espaço é o resultado da produção, uma decorrência de sua história, mais precisamente, da história dos processos produtivos impostos ao espaço pela sociedade.

No final dos anos 1980 e, sobretudo na década de 1990, em virtude do conjunto de metamorfoses sociais e espaciais ocorridas em nível mundial e ancoradas em mudanças técnicas, científicas e tecnológicas, outros componentes são incorporados por Milton Santos em suas concepções de geografia, espaço e território. Este último ganha mais atenção e um sentido renovado e mais amplo do que nas obras anteriormente descritas, conforme expressa o livro *A natureza do espaço* (1996).

Esta obra representa, em nosso entendimento, uma das principais de Milton Santos, com um nível profundo de reflexão sobre a geografia, envolvendo outras ciências e a filosofia; mostra a maturidade intelectual do autor. O espaço permanece sua categoria analítica principal e mais ampla,

formada por categorias *internas*: paisagem e configuração territorial: “(...) as categorias de análise, formando sistema, devem esposar o conteúdo existencial, isto é, devem refletir a própria ontologia do espaço, a partir de estruturas internas a ele” (Santos, 1996, p.19), ou seja, sistema de categorias que deve corresponder ao espaço ou ao conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações. As ações correspondem ao processo social que gera produtos, isto é, os objetos e ambos estão em constante transformação. Isso substantiva uma importante contribuição à teoria social crítica, um dos seus principais anseios ao longo de sua carreira. Milton Santos sempre teve compromisso com a renovação da geografia, com a revisão dos conceitos e noções, com a explicação da realidade e sua transformação.

Nessa obra, o espaço é um híbrido composto de *formas-conteúdos*, formas-funções, objetos-ações, processos e resultados, sendo o fenômeno técnico uma das principais condições históricas de transformação do espaço, juntamente com outros processos econômicos, culturais e políticos. Há, nessa processualidade, unidade entre esses processos e unidade espaço-temporal: espaço e tempo metamorfoseiam-se um no outro. O conteúdo do espaço é, cada vez mais, *extremamente* técnico, cada vez mais artificializado no processo de acirramento da divisão territorial do trabalho: “(...) cada divisão do trabalho *cria um tempo* seu próprio, diferente do tempo anterior” (Santos, 1996, p.109). (grifos no original). Na interpretação de Mônica Arroyo:

Horizontalidades e verticalidades, tecnosfera e psicofera, o novo e o velho, o externo e o interno permitem reconstruir uma dinâmica espacial como arena de antagonismos e complementaridades (...). Razão global e razão local, espaços inteligentes e espaços opacos, solidariedade orgânica e solidariedade organizacional, são fenômenos qualificados a partir de uma oposição, que se confundem e, ao mesmo tempo, se distinguem e se distanciam. (1996, p.57).

Há centralidade nas inovações técnicas e tecnológicas, nas redes, no tempo histórico e no tempo das coexistências/simultaneidades (ritmos lentos e rápidos), revelando princípios mais gerais da geografia dessa época e traços

fundamentais da dinâmica sócio-espacial no bojo do acirramento da globalização: trata-se de uma concepção claramente histórica e relacional elaborada utilizando-se de referências como A. Einstein, A. Whitehead, H. Lefebvre, E. Durkheim, F. Braudel, J. P. Sartre, entre outros pensadores.

Nessa obra, outra permanência é sua compreensão do território como uma configuração territorial definida historicamente, área/peça do espaço, Estado-nação e conjunto de lugares com uma constituição material.

A configuração territorial é dada pelo conjunto formado pelos sistemas naturais existentes em um dado país ou numa dada área e pelos acréscimos que os homens superimpuseram a esses sistemas naturais. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (Santos, 1996, p.51).

O espaço contém o território modelado, configurado; o território corresponde aos complexos naturais e às construções/obras feitas pelo homem: estradas, plantações, fábricas, casas, cidades. O território é construído historicamente, cada vez mais, como *negação da natureza natural*. A materialidade do território é, assim, definida por objetos que têm uma gênese técnica e social, juntamente com um conteúdo técnico e social. Objetos organizados em sistemas e com influência direta no uso do território. Este é usado, reorganizado, configurado, normatizado, racionalizado. Há porções de territórios com objetos e ações, normas (técnicas, políticas e jurídicas), ritmos, heterogeneidades, agentes. São parcelas territoriais formadas no espaço, as quais Milton Santos denomina de *territórios locais normativos* (p.271); novamente, ele recorta o espaço para compreender o território, porém, com uma concepção mais ampla e profunda deste conceito.

### **Considerações finais**

A busca incansável por abordagens e concepções que permitam, sempre, compreender as transformações do real é uma das principais virtudes e características do professor, pesquisador e cidadão Milton Santos. A análise, por mais superficial que seja, de traços de sua obra deixa isso bem claro. Foi

um autor marcadamente comprometido com a produção intelectual e com uma atuação engajada em processos políticos em favor de uma sociedade mais justa.

Elabora e reelabora constantemente suas argumentações, mantendo princípios, conceitos e temas; alterando compreensões e incorporando novos elementos, quando necessário. Assim, em sua concepção de geografia histórico-crítica e relacional, o espaço, nas obras estudadas até o momento, permanece como principal categoria de análise. Foi trabalhado conjugadamente, ora com a noção de configuração territorial, ora com o conceito de paisagem e com ambos ao mesmo tempo.

Numa periodização que consideramos apenas didática, podemos afirmar que, nos anos 1970-80, sua abordagem é predominantemente econômica e política, assumindo maior amplitude nos anos 1980-90, especialmente pela incorporação e reflexão sobre a natureza como elemento fundamental da questão ecológica emergida no período e, na década de 1990, com o destaque dado para as redes, o lugar, o meio técnico-científico informacional e o território. Este assume novo significado quando tratado juntamente com as transformações sociais, com as técnicas e com as normas.

De maneira geral, há uma processualidade em sua trajetória intelectual (como docente e pesquisador), cidadã e política. Processualidade que tem duas características principais: a) é histórica e relacional, pois elabora argumentações de forma dialógica com pesquisadores brasileiros e estrangeiros; b) contém mudanças e permanências, ou seja, rupturas/ajustes e continuidades em argumentações que foram e são centrais em suas concepções elaboradas desde os anos 1970.

### **Referências:**

- ARROYO, M. M. A trama de um pensamento complexo: espaço banal, lugar e cotidiano. In: CARLOS, Ana Fani (Org.). **Ensaio de geografia contemporânea** – Milton Santos: obra revisitada. SP: Hucitec, 1996. p.55-62.
- CARLOS, A. F. A. (Org.) **Ensaio de geografia contemporânea**. Milton Santos: obra revisitada. São Paulo: Hucitec, 1996.
- DEMATTEIS, G. Geografia Democrática, território e desenvolvimento local, **Formação**, n.12, v.2, 2005, p.11-26.

GONÇALVES, C.W.P. A geografia está em crise. Viva a geografia! **Boletim Paulista de geografia**, 55: p. 5-29, 1978

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005 (2001).

MOREIRA, R. **A geografia serve para desvendar máscaras sociais**. Encontros com a Civilização Brasileira 16: pp. 143-170, 1979.

MOREIRA, R. **Geografia: teoria e crítica: o saber posto em questão**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1982.

QUAINI, M. **Marxismo e geografia**. RJ: Paz e Terra, 1979 (1974).

QUAINI, M. **La costruzione della geografia umana**. Firenze: La Nuova Italia, 1975.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

SANTOS, M. Sociedade e espaço: a formação social como teoria e como método, **Boletim Paulista de geografia**, nº 54, 1977.

SANTOS, M. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: Hucitec, Edusp, 1978.

SANTOS, M. **Espaço e Sociedade**. Petrópolis: Vozes, 1979.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SANTOS, M. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, M. **Território globalização e fragmentação**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 2000.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. SP: Expressão Popular, 2007.

RIBEIRO, W.C. **Milton Santos: aspectos de sua vida e obra**. In: El ciudadano, La globalizacion y la geografia. Homenaje a Milton Santos. Universidad de Barcelona. Vol. VI, nº 124, 30 de septiembre de 2002.

SEABRA, O; CARVALHO, M; LEITE, J.C. **Território e sociedade: entrevista com Milton Santos**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000.

ZUSMAN, P. Milton Santos e a metamorfose da geografia brasileira. In: CARLOS, Ana Fani (Org.). **Ensaio de geografia contemporânea – Milton Santos: obra revisitada**. SP: Hucitec, 1996. p.29-36.

---

<sup>i</sup> Também estamos estudando elaborações teórico-metodológicas de outros autores brasileiros como Manuel Correia de Andrade e Antonio Carlos Robert Moraes, escolhidos a partir da utilização do conceito de território em suas obras.

<sup>ii</sup> O livro *Marxismo e geografia*, de Massimo Quaini, é uma ótima demonstração dessa leitura-releitura.

<sup>iii</sup> Délio Mendes é Professor do Departamento de Sociologia da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.

<sup>iv</sup> MILTON SANTOS. Entrevista em *Caros Amigos*, nº 17. São Paulo, agosto de 1998.

Artigo encaminhado para publicação em dezembro de 2008.

Artigo aceito para publicação em janeiro de 2009.

ISSN 1981-9021 - Geo UERJ - Ano 10, v.2, n.18, 2º semestre de 2008.

[WWW.geouerj.uerj.br/ojs](http://WWW.geouerj.uerj.br/ojs)